

### HOMENAGEM AOS QUE SE FORAM...

#### DALTON ÁUREO MORO

A Revista Formação, publicação de divulgação do Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Campus de Presidente Prudente, presta homenagem ao saudoso professor Dalton Áureo Moro da UEM- Universidade Estadual de Maringá, que foi, por vários anos, docente visitante, voluntário desse programa. E foi imensa a sua colaboração, sobretudo, por se dar na época em que todos trabalhavam para a consolidação do programa. Quando surgia algum problema mais complicado que precisava de alguém experiente para a sua solução, a coordenação apelava para o Moro e ele, às vezes sacrificando seus próprios interesses, e sempre bem humorado, prontamente atendia. Era admirado e respeitado por suas judiciosas análises e opiniões isentas e construtivas, em especial, nas bancas acadêmicas.

Essa homenagem se completa com a inserção do singelo, mas belo texto, construído pelo Departamento de Geografia, da Universidade Estadual de Maringá.

Nesse texto, que foi totalmente aproveitado, somente foram acrescentadas algumas novas informações ditadas pela Senhora Odete Moro. Peço a compreensão dos autores e, na seqüência, algumas palavras, deste que foi colega, amigo e quase irmão desse homem cujo passamento foi incompreensível e doloroso.

Moro foi muito mais que um colega de trabalho. Desde que cheguei em Maringá, ele sempre esteve ajudando na minha adaptação no convívio com os novos companheiros de trabalho, inclusive me convidando muitas

vezes para tomar refeições em sua residência. Aqui vale uma referência à sua esposa, Detinha, também muito solícita, carinhosa e prestativa. Os dois faziam um belo par, se completavam felizes ao lado de seus muito bem educados filhos.

Fizemos o Moro e eu, algumas viagens de estudos para colher dados para nossos projetos, ou mesmo para participar de bancas de concursos em várias faculdades ou ainda em encontros da AGB para os quais sempre levávamos algum trabalho.

Moro era muito ativo, arguto observador e extremamente preocupado com os problemas que afetavam a população sendo os mais pobres, verdadeira obsessão para ele. Não era apenas um bom geógrafo, um professor. Era, antes de tudo, um ser humano de boníssimo coração, irradiando alegria e sempre pronto para ajudar quem dele precisasse.

Estive com o Moro alguns meses antes de sua partida, participando de uma banca no Mestrado da UEM. Ele estava com muito bom aspecto, saudável, alegre e feliz dizendo que havia vencido a doença que o acometera e fazia planos para o futuro que, infelizmente não deu, confirmando a lógica da vida. Talvez a única verdade irrefutável como está escrito no livro do Eclesiastes: *Todas as coisas tem seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada uma foi prescrito. Há o tempo de nascer e tempo de morrer*”.

Mas, têm razão os autores do texto que vem a seguir quando dizem que se trata de evento que escapa do alcance humano e que não nos pertence. No texto do Eclesiastes há um subtítulo que diz: *O homem não tem capacidade para conhecer os desígnios de Deus*. Isto resume tudo. Podemos ficar surpresos e tristes por julgarmos prematura a partida de um amigo

no auge de sua capacidade intelectual, todavia, não há o que contestar e nem mesmo lamentar, mas, apenas ter fé e acreditar que o Dalton está melhor agora. E só.

E nós acreditamos que ele deve estar melhor, agora, sim, porque sabemos que ele fez, em vida, a parte que lhe cabia ditada pelo boníssimo coração de um homem justo, digno, leal, responsável e que usou os seus talentos para fazer o bem sem nunca olhar a quem. E isto se pode comprovar pelas amizades que cultivou, pelas suas obras, pela sua biografia. E, a biografia de Dalton Áureo Moro é um belo exemplo, um modelo, sobretudo para as novas gerações.

Nada mais se precisaria dizer, mas, como colega e amigo quero realçar pelo menos um episódio marcante de seu trabalho como pesquisador, de sua personalidade. Faço pequeno resumo.

É sabido por todos que estudam a ocupação das terras, neste país que, no norte do Paraná, o processo de colonização ocorreu calcado, sobretudo, na pequena e média propriedade, com culturas que demandavam mão-de-obra numerosa. Até por volta de 1960 esta região era tida como "a terra prometida" "a Canaã do Brasil" "a terra da esperança" que atraiu muita gente para as lides do campo.

A ocupação ainda não se dera totalmente, quando tudo começa a mudar com a introdução de culturas temporárias, como soja e trigo, intensa mecanização e a pecuária que se utilizam de pouca mão-de-obra mas que se fazem em grandes propriedades. E tudo ocorre tão rapidamente que não houve tempo para qualquer adaptação.

Centenas de milhares de pessoas tiveram que abandonar suas terras e migrar. O Paraná perdeu, no período de 1970-1980,

mais de um milhão de pessoas. Este movimento foi considerado por alguns especialistas como "a modernização dolorosa" porque atingiu violentamente milhares de pessoas que foram reduzidas à miséria.

O Moro estudou bem este episódio em sua Dissertação de Mestrado e nós retomamos o estudo que foi publicado no Boletim de Geografia número 01 em 1986. Relembro este fato para revelar, agora, um segredo. Estudando os valores numéricos, entrevistando pessoas atingidas pelo processo e reduzidas à miséria o Moro se revoltava e chegava às lágrimas, lastimando a sua, a nossa impotência frente aos fatos, embora admitindo que a modernização da agricultura era necessária para o país. A sua revolta era contra a rapidez do processo que não levou em conta o ser humano que era, para ele, como deveria ser para todos nós, o objetivo maior de qualquer processo de mudança. Essa preocupação com o ser humano, em especial, o mais pobre, traço marcante de sua personalidade, e as lágrimas que ele, na sua humildade, considerava ser uma fraqueza indigna de um pesquisador e por isso, pedia segredo. Não queria parecer um fraco.

Estou certo que o Moro me perdoará por esta indiscrição e, ao mesmo tempo, pondero que essa "fraqueza", na verdade, é um traço revelador da grandeza de um Homem.

Para o Dalton Áureo Moro, o respeito e admiração de seu colega e amigo

***Marcos Alegre.***

Transcrevemos a seguir texto em homenagem ao Prof. Dalton Moro publicado no **Boletim de Geografia** da Universidade Estadual de Maringá, Ano 23 - Número 1 - 2005

### **Dalton Aureo Moro (1943 - 2005)**

Nasceu em Ponta Grossa, Paraná, no dia 1º de agosto de 1943, filho de Lavino Nadal Moro e Áurea Godoy Moro. cursou o ensino primário no Grupo Escolar Senador Correia, o ginásio no Colégio Estadual Regente Feijó e o ensino médio na Escola Técnica Estadual de Comércio. Foi aluno da primeira turma de Licenciatura em Geografia na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, PR, no período de 1963 a 1966. Como integrante do ensino superior, foi presidente do Diretório Acadêmico Dr. Joaquim de Paula Xavier, entidade que congregava os acadêmicos das licenciaturas, quando foi agraciado com uma viagem de estudos aos Estados Unidos. De uma capacidade intelectual privilegiada, obteve excelente classificação num concurso estadual para docentes, tendo escolhido Maringá para iniciar sua atividade como professor da rede estadual de ensino e aqui se radicou. Foi professor do Colégio Estadual Papa João XXIII e do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal

Em 1968 tornou-se professor do ensino superior ao ser aprovado em concurso público para o curso de Geografia - Geografia Regional - da recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, uma das unidades de ensino superior que deram origem à Universidade Estadual de Maringá. Em julho deste mesmo ano casou-

se com Odete Starke Moro com quem teve dois filhos; Cesar Fernando Moro e Sergio Fernando Moro.

De 1974 a 1980 fez o curso de mestrado na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Fernando Gonçalves Seabra. De 1989 a 1992 cursou o doutorado no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista- UNESP, campus de Rio Claro, tendo como orientadora a Profa. Dra Lúcia Helena de Oliveira Gerardi.

Dedicou-se à pesquisa na área de Geografia Humana, onde se direcionou para o estudo da região, regionalização e modernização agrícola, tópicos que marcaram a sua atuação profissional.

Profundo conhecedor das funções administrativas, foi eleito várias vezes para a chefia do Departamento de Geografia da UEM e esteve vinculado a diversos setores e órgãos na estrutura administrativa da Universidade. Foi um dos fundadores do Boletim de Geografia da UEM não só participando, por diversas vezes, na sua confecção e montagem, mas também abrilhantando-o com trabalhos de sua autoria ou de orientandos seus. Colaborou com o Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP- Presidente Prudente (SP) e, mais tarde, com o programa de Pós-Graduação da UEM. Também, prestigiou com sua participação, cursos de especialização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul (PR). Foi membro convidado de várias instituições brasileiras para a composição de bancas nos mais variados níveis de ensino.

Estudioso persistente, acompanhava firmemente o debate acadêmico. Como herança de sua formação, não tinha receio em proclamar-se *positivista*. Respeitava,

contudo, outras posturas, valorizando, tanto no seu próprio trabalho como nos dos demais, acima de tudo o trabalho sério e o interesse sincero em aprender. Assim era com os alunos, colegas, orientados, enfim, com todos aqueles que compartilharam de seu convívio.

Orientou várias pesquisas em nível de pós-graduação *strictu sensu e lato sensu*, como também na área do bacharelado, além de tantas outras na iniciação científica. Entre os temas desenvolvidos por seus orientados, predominam aqueles pertinentes à sua linha de pesquisa -- questões regionais e de modernização agrícola - mas também, constam temas de geografia urbana e alguns voltados para o ensino. Esta sua larga experiência pode ser traduzida nos inúmeros artigos que publicou, os quais tiveram um registro significativo quando organizou um livro, em forma de coletânea, dedicado exclusivamente à cidade em que vivia: *Maringá, espaço e tempo*.

Nesta publicação ele sistematiza seu olhar atento de **geógrafo** sobre a "Cidade Canção", sobre a Região Norte do Paraná, trazendo uma contribuição significativa ao entendimento da mesma.

O professor Dalton Áureo Moro trazia para o convívio profissional traços que eram marcantes e muito positivos de sua personalidade, como constante bom humor, a lealdade e a amizade. Zelava pela amenização das hostilidades nas relações interpessoais entre seus colegas, além de sempre buscar motivar todos para o trabalho e para a superação de impasses pessoais e profissionais.

Destarte, lastimar a perda que representa seu falecimento, talvez possa parecer algo egoísta como um lamento de quem perde um ponto constante de apoio e de partilha de experiências teóricas e

docentes. Foi uma vida de muita dignidade, o que tornou ainda mais difícil aceitar sua finitude.

Sua última aula foi de uma didática tácita, silenciosa, ensinando o valor da vida e tudo o que ela envolve, por tão passageira que é. Com a partida, o professor Dalton deixa uma imensa lacuna na área de Geografia Humana do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Sua postura profissional e humana deixa uma perda ainda maior para todos os que puderam contar com seu convívio, interrompido tão mais precocemente do que todos desejariam. São eventos que escapam do alcance humano. Não nos pertence. Por isso, apenas essas ligeiras palavras em sua memória.